

**Interculturalidade e educação ambiental: Uma relação com os Guarani Mbya do  
Morro dos Cavalos**

**Interculturalidad y educación ambiental: Una relación con los Guarani Mbya del  
Morro dos Cavalos**

**Interculturality and environmental education: A relationship with Guarani Mbya of the  
Morro dos Cavalos**



Raiza Padilha Scanavaca<sup>1</sup>

**Resumo**

A partir de uma relação de trabalho com o povo Guarani Mbya, nasce uma pesquisa-ação que busca perceber a educação ambiental e as interações com a vida e a biodiversidade das florestas junto aos Guarani Mbya. Foram anos construindo o Eko-etno-envolvimento da Terra indígena Morro dos Cavalos, e posteriormente executando um projeto de reflorestamento, com anotações e reflexões epistemológicas sobre a relação com a Mata Atlântica. Os resultados partem do *nhandereko*, que ensina sobre o respeito com a ciclicidade, a importância da parceria entre Unidades de Conservação e comunidades indígenas e a educação ambiental intercultural como uma estratégia de educar para os valores na construção de uma outra civilização envolvida com as questões socioambientais.

**Palavras chave:** educação ambiental; Guarani Mbya; interculturalidade

**Resumen**

De una relación de trabajo con el pueblo Guaraní Mbya, nace una investigación-acción que busca comprender la educación ambiental y las interacciones con la vida y biodiversidad de los bosques cercanos a los Guaraní Mbya. Fueron años construyendo la participación Eko-etno-envolvimento de la tierra indígena Morro dos Cavalos, y posteriormente ejecutando un proyecto de reforestación en la Tierra Indígena, con notas epistemológicas y reflexiones sobre la relación con el Mata Atlántica. Los resultados parten del *Nhandereko*, que enseña sobre el respeto a la ciclicidad, la importancia de la asociación entre las Unidades de Conservación y las comunidades originarias y la educación ambiental intercultural como estrategia para educar por valores en la construcción de otra civilización involucrada con temas socioambientales.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em História Filosofia e Ensino de Ciências pela Universidade Federal da Bahia, graduada em biologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Correo: [raizapadilha@gmail.com](mailto:raizapadilha@gmail.com)

**Palabras clave:** educación ambiental; Guaraní Mbya; interculturalidad

### Abstract

From a working relationship with the Guarani Mbya people, an action research is born that seeks to understand environmental education and interactions with the life and biodiversity of forests near the Guarani Mbya. It was years building the Eko-ethno-involvement of the Morro dos Cavalos indigenous land, and later executing a reforestation project in the Indigenous Land, with epistemological notes and reflections on the relationship with the Atlantic Forest. The results start from the Nhandereko, guarani way of life, which teaches about respect for cyclicity, the importance of the partnership between Conservation Units and indigenous communities and intercultural environmental education as a strategy to educate for values in the construction of another civilization involved with socio-environmental issues.

**Keywords:** Environmental education; Guarani Mbya; Interculturality

### Introdução

Entrando na graduação em biologia acredito que a maioria das pessoas, busca estudar as formas de vida, e se depara com o estudo de organismos mortos. Estudamos uma biologia fragmentada que não atinge um entendimento complexo, que pouco se preocupa com o respeito pelas formas de vida. A frustração com a grade curricular concebeu a dedicação por projetos de extensão e um aprendizado sobre a manutenção da vida nos territórios. Me deixei envolver por lutas pela diversidade de vidas, entre elas a luta por florestas, percebendo que a educação ambiental deve ser completamente atravessada pelo entendimento das disputas de terra.

A biologia a partir da educação ambiental foi centro dos meus trabalhos durante os anos do curso, o mestrado, e atualmente meu doutorado, além dos meus trabalhos enquanto educadora e bióloga. Mas, não considero qualquer educação ambiental, e sim, a que entende os problemas socioambientais: agronegócio, mineração, hidrelétricas, racismo, capitalismo.

Há cerca de dez anos atrás construí uma extensão universitária que dialogava com os movimentos camponeses do Brasil, e mais tarde em meados de 2017 conheci o movimento indígena e a luta pelas homologações territoriais, e foi este movimento que me trouxe a vontade de continuar estudando e conhecendo outra biologia, que também é educação ambiental, um estudo do vida que se envolve com a responsabilidade pela biodiversidade no planeta.

O movimento indígena me ensinou a ter uma maior compreensão de que o povo branco, chamado pelos Guarani de *juruá*, continua invadindo as terras, saqueando, violentando. Mas, aprendemos a normalizar a dominação e as violências. Porém, outras interações com vidas não foram completamente destruídas pela existência de diferentes etnias no mundo. Dessa forma, são séculos de guerra, destruição, da tentativa de extinção de formas de viver, e como consequência a dramática mudança climática.





O colapso da civilização é um anúncio de diversos intelectuais que estudam questões socioambientais, mas também de muitas lideranças e xamãs indígenas pelo globo. Assim como o xamã yanomami Davi Kopenawa, em seu livro com Bruce Albert: *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami* (2015). As previsões científicas da crise socioambiental são evidenciadas pelos ciclos biogeoquímicos, pelo fim de bens ambientais, pelo inchaço populacional de humanos, e pela mudança climática que vem em acelerado curso. Dados de cientistas que estudam as emissões de gases de efeito estufa e a mudança climática dizem que caso as emissões se mantiverem a temperatura média do planeta se elevará entre 1,4 e 5,8 graus entre 1990 e 2100, e as estimativas apontam que o aumento de dois graus são limite para situações graves e irreversíveis no mundo (TAIBO, 2020).

A biologia e a educação ambiental neste cenário devem contribuir para a transformação civilizatória e da relação com as outras formas de vida, isso porque existe uma urgência da responsabilização coletiva sobre o colapso socioambiental, para que possamos evitar a continuação e a intensificação da destruição da diversidade humana e das outras formas de vida.

A educação intercultural pode ser um dos caminhos para uma mudança epistemológica no entendimento da vida e conseqüentemente na relação com as vidas. Isso porque existem povos milenares que contribuíram com a biodiversidade das florestas, e continuam vivas, tendo muito a ensinar sobre sua relação com a terra e com as florestas.

O povo Guarani Mbya, é um desses povos e a partir de um trabalho na escrita do Plano de Gestão Territorial e Ambiental junto com as comunidades da Terra Indígena Morro dos Cavalos, Palhoça, Santa Catarina, Brasil, vivenciei como indica Eduardo Viveiros de Castro (2004), o equívoco controlado, a busca de traduzir noções partidas dos Guarani Mbya para escrita de um documento importante para a autonomia da comunidade. E junto a essa vivência nasceu uma pesquisa que trouxe noções biológicas e ambientais envolvidas com a cultura Guarani e relevantes para a manutenção da Mata Atlântica.

## Metodologia

A metodologia da pesquisa foi a pesquisa-ação, metodologia participativa produtiva e necessária para: "compreender realidades, reconhecer as resistências e as alternativas em curso no caminho da transformação social" (PERUZZO, 2016, p.7). A partir da escrita com a comunidade do Plano de Gestão Territorial e Ambiental, o Eko-etno-envolvimento realizei uma pesquisa epistemológica sobre educação ambiental e estudos da vida.

As fases do procedimento metodológico da pesquisa-ação concomitante ao PGTA foram seguidas de acordo com Peruzzo (2016) reconhecimento da situação a ser investigada; investigação; redefinição dos procedimentos metodológicos; campo; a apresentação dos resultados parciais; e o relatório dos resultados redigido e apresentado a todas.

Uma parte da pesquisa foi realizada entre os anos 2018 a 2019, o que resultou em uma dissertação de mestrado, nos anos seguintes 2020 a 2021 finalizamos o documento Eko-etno-envolvimento, o PGTA Guarani do Morro dos Cavalos. Em seguida, em 2021, realizamos um projeto de reflorestamento em uma área de 20 hectares que era dominada por uma espécie



exótica invasora, recuperando mais de cinco nascentes, além da construção de um bom diálogo com a Unidade de Conservação que faz sobreposição com a Terra Indígena.

É importante ressaltar que a proposta de Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas - PNGATE, foi validada pelo Decreto n. 7.747 em 5 de junho de 2012, com o fim de "promover a proteção, a recuperação, a conservação e o uso sustentável dos recursos naturais das Terras Indígenas" (FUNAI, 2013, p. 9). Proposta que é geralmente realizada após homologação territorial. Mas como apenas 1,23% das terras reconhecidas no Brasil são homologadas (CIMI, 2022), e as populações ficam na insegurança em seus territórios, etnias buscam equipe voluntária para realizar o PGTA a fim de projetar a organização na terra e disputar a homologação territorial. Caso das comunidades do Morro dos Cavalos, que esperam há mais de vinte anos pela última etapa no processo de homologação, a assinatura presidencial.

Esses escritos são elaborados a partir da vivência de mais de cinco anos, documentada, a partir de longas conversas em reuniões semanais que aconteceram na comunidade, além das reuniões virtuais durante o isolamento na pandemia de COVID 19, dos mutirões de reflorestamento, e um cuidadoso trabalho realizado para contribuir com o documento importante para a luta pela homologação.

O recorte da pesquisa, que é mais ampla, apresentado neste trabalho tem objetivo de contribuir com discussões interculturais da biologia e da educação ambiental, a partir dos aprendizados sobre o *nhandereko*, modo de vida Guarani, que podem ser traduzidos em noções ambientais com mais responsabilidade coletiva frente ao contexto socioambiental problemático que estamos vivenciando.

## Resultados e discussão

Um dos problemas facilmente perceptíveis quando estudamos a biologia acadêmica, e entramos em contato com populações envolvidas com as florestas, são as concepções de natureza. A dominação do meio, a superioridade humana frente a natureza, objetificação das vidas, são noções ilógicas para cultura Guarani, mas fazem parte da racionalidade moderna. Assim como a ideia de individualização das partes, como se as vidas fossem máquinas em que retiramos suas peças e conseguimos perceber suas funções individuais para construir um todo (PORTO GONÇALVES, 1989).

Atualmente sabemos que existe uma contra-corrente na biologia, em que cientistas percebem a biologia com sua complexidade organizacional. Humberto Maturana, Francisco Varela, Charbel N El-Hani, Alvaro Moreno, Matteo Mossio, entre muitos biólogos que dedicaram ou dedicam suas vidas a perceber que as ciências biológicas foram reduzidas a física e química e que é uma ciência muito mais complexa, orgânica, sistêmica, onde não há leis ou padrões e sim uma constante auto-manutenção. Porém, apesar da contra-corrente, a biologia aprendida nas graduações e na escola é a biologia fragmentada.

Mas a cultura Guarani talvez esteja mais próxima do entendimento da vida organicista do que noções cartesianas aprendidas nas escolas e graduações. Isso porque ela reconhece os

ecossistemas como vivos. Além disso, a ciclicidade é entendida como a manutenção do todo, que deve ser respeitada, e cultuada pelas comunidades.

Há dois ciclos no calendário Guarani, *Ara pyau*, o tempo novo, o momento do plantio, de nutrir a terra, de festejar, de fazer a cerimônia do *avaxi*, milho crioulo, que simboliza a prosperidade para as colheitas, a diversidade de vida através das milhares de cores possíveis do cruzamento entre milhos. Período com mais aparência de *nhamandu*, o sol, que em maior incidência fortalece a nutrição da vida.

Em seguida entramos no *Ara yma*, o tempo velho, o ancião, a colheita, tempo de recolhimento e de colher os frutos e os tubérculos plantados. Um momento de fogueiras, de espiritualidade, do *ka'ay*, a erva mate. Momento de menor incidência de luz, de descansar. A ciclicidade é parte do entendimento da automanutenção da vida, respeitando o ciclos da *yvy*, terra, para novos plantios, o que faz desse povo muito sábio na relação com o cuidado com as florestas, e com a terra para nunca faltar alimento para suas comunidades.

O povo Guarani Mbya é conhecido por ser o povo da Mata Atlântica, um dos biomas mais ricos em biodiversidade, e mais impactado pela invasão colonial. Como diz Krenak (2019) "o que chamamos de Mata Atlântica é um jardim propiciado pela uma imensa interação das civilizações que o habitavam antes da invasão colonial". A afirmação é evidenciada quando conhecemos a fundo o povo Guarani, um povo que enterra seus ancestrais mais importantes plantando Jerivás, *Syagrus romanzoffiana*, uma palmeira deste bioma. Povo que faz a cerimônia de seus filhos com casca de cedro, *Cedrela fissili*, planta sagrada que é reverenciada e plantada sempre que há sementes.

De acordo com dados do INPE (2022) a Mata Atlântica tem apenas 12,5% de sua floresta em comparação com antes da invasão europeia, e os Guarani estão em nas pequenas faixas deste bioma, vivenciando grandes conflitos territoriais. Conflitos que envolvem além de grileiros, da especulação imobiliária, e da "garantia" recente das homologações conquistadas apenas pela constituição de 1988, a relação com as Unidades de Conservação (UC's).

O fundo ideológico para a implantação das UC's são noções preservacionista e conservacionista, que só reconhecem interações nocivas do ser humano com o meio, o chamado "mito moderno da natureza intocada" (DIEGUES, 2001). Essa perspectiva, busca expulsar as comunidades indígenas de suas florestas, para um cuidado dos *juruá*, povo branco. Uma injustiça que expulsa os originários de seus os territórios e florestas, depois de milhares de anos em que os mesmos contribuíram para a formação.

Porém, os Guarani entendem que as UC's mantém muitas florestas, e a partir disso almejam um diálogo respeitoso e paciente, que vem sendo estabelecido entre o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, e a Terra Indígena do Morro dos Cavalos. A Terra Indígena na região está em grande área de floresta, graças também ao parque, que à partir das políticas ambientais barra o desmatamento.

Acompanhando o diálogo entre os gestores do parque e as lideranças da TI, consigo perceber o comprometimento das lideranças Guarani com as florestas, isso porque *Ka'aguy*, que significa mata, estabelece toda saúde do *Reté*, corpo, porque além da *Ka'aguy* garantir proteção, nela estão remédios para a cura da desarmonia do *Reté*. Assim, quando há interferência intensa na floresta, há um desequilíbrio do *do* corpo Guarani de acordo com os



Bio-ponencia



Bio-ponencia

xeramoi e as xejarãe, os anciãos. Além disso, a fala Guarani significa muito. *Nheẽ* significa palavra, mas também espírito na tradução para português, ou seja, na língua Guarani as palavras têm a grandeza de um espírito, que tem de certa forma vida.

A comunicação intercultural entre instituições estatais e comunidades originárias e tradicionais devem ser estabelecidas com respeito, pesquisa, paciência e profissionais preparados para traduções culturais, para perceber o equívoco controlado (CASTRO, 2004) no diálogo intercultural, e entender os objetivos em comum que podem ser firmados e fortalecidos com as parcerias.

No caso da comunidade do Morro dos Cavalos, uma área ocupada ilegalmente por pessoas não indígenas teve como consequência o plantio em grande escala da espécie *Pinus eliotti*. Espécie que além de secar as fontes, diminui a proliferação de espécies nativas, causando uma descontrolada incidência da invasora, que está inclusive, na Unidade de Conservação. Com isso, projetos da Terra Indígena vem recuperando esta área degradada com a retirada da espécie e o plantio de nativas e de sistemas agroflorestais. A parceria do Parque Estadual com as comunidades da Terra Indígena Guarani só fortalece a Mata Atlântica e recupera fontes secas.

## Conclusões

Existem muitas elaborações na interação intercultural com o povo da Mata Atlântica, aprendizado sobre valores no olhar para as florestas, para a biodiversidade, para a vida e o território. Dimensões epistemológicas que enriquecem a educação ambiental podendo ser uma estratégia para educar pessoas que se importem com a crise socioambiental, que almejam mudanças civilizatórias. Para que as pessoas enxerguem a diversidade de vida como prioridade muito maior do que o lucro. As florestas, a água, e o alimento como a manutenção da saúde, que reconheçam o que o povo Guarani chama de *yvy dheẽ porã*, as belas palavras da terra.

## Referências

CASTRO, Eduardo Viveiros. *Perspectival Anthropology and the Method of Controlled Equivocation* Tipití: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America: Vol. 2: Iss. 1, Article 1, 2004.

DIEGUES, Antônio Carlos. *O mito moderno da natureza intocada*. Editora Hucitec. 3º edição. São Paulo, 2001.

FUNAI. *Coordenação Geral de Gestão Ambiental. Plano de Gestão territorial e ambiental de terras indígenas: diretrizes*. Brasília, 2013.

INPE, Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. Acessado em 2 de junho de 2022: <  
<http://www.inpe.br/busca.php?q=mata+atlantica> >

KRENAK, *Guerras no Brasil*. Direção Luiz Bolognesi. Produção: Netflix. Série 1a temporada, 1o episódio (26 min.), 2019.

KONEPAWA, Davi, ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami.  
Tradução Beatriz Perrone- Moisés; 1º ed. Companhia das letras, São Paulo, 2015.



PERUZZO, Cicilia M.Krohling. Epistemologia e método da pesquisa -ação. Uma  
aproximação aos movimentos sociais e à comunicação. Associação Nacional do Programas  
de Pós -Graduação em Comunicação XXV Encontro Anual da Compós, Universidade  
Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

**Bio-ponencia**

PORTO GONÇALVES, Carlos Walter. Os (des)caminhos do meio ambiente. Editora  
Contexto. São Paulo, 1989.

TAIBO, Carlos. Colapso: capitalismo terminal, transição ecossocial, ecofascismo. Editora  
UFPR, Curitiba, 2020.